



Concurso Carta ao Papa

- Edital de 1º de Maio de 2024 –

Cartas

1º Lugar: Carlos Vaz (Professor da PUC Goiás)

Goiânia, maio de 2024.

Prezado Papa Francisco de nossa querida América Latina...

Sou o professor Carlos Vaz, da Escola Politécnica e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Goiás há mais de três décadas. Escrevo-lhe daqui do Centro-Oeste do Brasil, que é longe do mar, mas perto de rios que cortam o bioma cerrado e desaguam no Oceano Atlântico. Escrevo-lhe, carinhosamente, uma carta, um papel pintado de palavras de afeição, vezes, letras duras, mas necessárias. Assim, espero chegar até sua presença como se estivéssemos em uma prosa latina com um bom mate rodando, afetivamente, pelas mãos e pelos corações.

Fui educado sob os princípios da igreja católica, minha família é cristã, cresci sob a fé de que não podemos ser indiferentes às injustiças e que agir, coletivamente, é fundamental para efetivar mudanças necessárias. Assim como fui educado, atuo nesta perspectiva no ensino superior, pois como registrou o mestre Paulo Freire "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo."

A PUC de Goiás, antes denominada de Universidade Católica de Goiás [UCG], sempre ocupou um lugar relevante na educação, na pesquisa e na extensão. Em um passado não tão distante, tivemos momentos grandiosos no que se refere ao processo democrático, com diálogos respeitosos e disputas saudáveis que fazem parte da academia. As propostas na área de extensão priorizavam a área de direitos humanos, algo caro para este espaço educativo.

Tivemos eleições direta para reitoria, programas de apoio para estudantes pobres, projetos de construção coletiva de moradias populares, encontros com comunidades excluídas e formação com temas da educação popular, nos sistemas de proteção às crianças e adolescentes. Por mais de três décadas, investi em contínuas ações socioeducativas no combate à violência doméstica, abuso sexual, dependência química e outras. Os cursos de graduação, e de pós-graduação, de nossa universidade, atuavam junto às comunidades na elaboração de diretrizes de plano diretor de cidades

da nossa região. O estado de Goiás, conhecia, e reconhecia, o relevante trabalho de nossa PUC.

Nesta trajetória, muitas pessoas se comprometeram, de forma digna, com os projetos sociais e educativos desta universidade. Algumas, saíram no meio do caminho, outras, priorizaram projetos diferentes e, o que ficou foi uma gigante história que poderia ser retomada e continuada.

Creio que em uma Instituição de Ensino Superior Católica, como guardiã da fé e promotora dos valores cristãos, o diálogo assume um significado ainda mais profundo. O diálogo não significa necessariamente concordância, mas sim a disposição de ouvir e entender as diferentes perspectivas, respeitando a dignidade e a liberdade de cada indivíduo. É por meio do diálogo que as divergências podem ser superadas, os preconceitos desafiados e os corações unidos na busca pelo bem comum.

Portanto, exorto toda a comunidade acadêmica e a sociedade em geral a abraçar o diálogo como uma ferramenta poderosa para a construção de um mundo mais justo, livre e democrático. Que possamos nos comprometer a cultivar uma cultura do encontro, onde o respeito mútuo e a compreensão sejam os alicerces sobre os quais construímos nossa convivência.

Enfim, concluo esta carta, enviando respeito, carinho e admiração pela sua prática resistente na defesa humana, e solidária, dos povos no mundo!



Professor Carlos Vaz

2º Lugar: Ana Carolina Santos Freitas (Estudante da PUC Goiás)

Carta ao Papa Francisco: uma exposição de pensamentos sobre educação

Ilustríssimo, Papa Francisco,

É com muito respeito e admiração que me dirijo a Vossa Santidade, ciente da sua cautela a respeito da promoção do diálogo como forma de possibilitar uma educação equitativa, aberta e participativa, para compartilhar concepções sobre esse assunto.

Um verdadeiro diálogo, exige humildade para reconhecer que não detemos toda a verdade e que, somente através da troca respeitosa de ideias, podemos avançar em direção ao bem comum. Além disso, na nossa instituição, o diálogo transcende as fronteiras disciplinares e religiosas, abraçando a diversidade de pensamento

como uma riqueza a ser cultivada.

Diante disso, reconheço a importância de desenvolver habilidades de escuta ativa e empatia, fundamentais para construir relações respeitadas e promover um ambiente inclusivo de aprendizado. Dessa maneira, nós, como acadêmicos, somos incentivados a compreender e respeitar diferentes perspectivas, enriquecendo o ambiente da universidade e nos preparando para uma convivência pluralista na sociedade.

Nesse encadeamento de ideias, é fundamental que, tanto os docentes, quanto os discentes, sejam incentivados a participar ativamente deste processo de discussão, desenvolvendo habilidades de comunicação, sensibilidade e atenção à escuta, em virtude de que, embora haja desafios que nos cercam, é imprescindível a defesa desses princípios que sustentam uma sociedade justa, livre e democrática.

Portanto, solicito sua benção e direcionamento, para que as Universidades Católicas sigam sendo locais propícios ao diálogo, e que os estudantes se tornem promotores de mudanças em suas comunidades, sempre pautados pelo respeito mútuo e pela busca do bem coletivo.

Com reverência e apreço, Ana Carolina Santos Freitas.

3º Lugar: Gabriela Santos Mendanha (Estudante da PUC Goiás)

A Última Súplica: Nosso Diálogo de Cada Dia nos Dias Hoje

Sua Santidade, Papa Francisco,

Já ouviste, Santo Padre, uma música? Sim, a mais antiga forma de expressão da humanidade, composta por uma combinação vasta de notas e ritmos, expressa, desde seus primórdios, um diálogo. Já escutaste? Um poético diálogo entre o artista e seu ouvinte sobre amor, dor, salvação, fúria e súplica. Já sentiste? Entre os acordes e arranjos, as composições se comunicam entre os séculos, países e etnias, realizando a mais primordial qualidade para a existência humana: a comunicação. Assim como as canções, nós, estudantes, ecoamos nossas vozes e utilizamos o diálogo, suplicando nossos sentimentos e necessidades para harmonizar a melhor qualidade da nossa educação.

Nós, Papa Francisco, percebemos os vazios na partitura da nossa educação, a ausência de regentes, de professores. Como poderíamos continuar executando o processo de aprendizagem sem tal categoria ímpar? Em um movimento rítmico, alertamos nossa instituição – a Pontifícia Universidade Católica de Goiás – sobre a pertinência do cuidado com nossos maestros. Mas, infelizmente, o ouvinte não compreendeu o seu papel e, quase sem qualquer empatia, não se abriu para a nossa canção. Ignorando-a, tristemente, a súplica, em pressa, torna-se elegia. E, ainda que elogiemos nossos mentores, elegemos mais descontentamentos pela falta de justiça e valorização destes mestres no seu processo de aprendizagem aprisionada em que estamos inseridos.

Mais adiante, Sumo Pontífice, nossa melodia não apenas é silenciada pela ausência de maestros, mas

também pela falta de instrumentos. Tentamos, ardentemente, orquestrar nossa aprendizagem com nosso próprio corpo da maneira que seja possível. Todavia, assim como não se faz percussão sem tambores, não há como aprender sobre as batidas do coração sem estetoscópio. Dessa maneira, Sua Santidade, como democraticamente teremos o mesmo acesso à educação que nossos outros colegas? Como poderemos entrar no mesmo ritmo de conhecimentos ou identificar a pulsação se, minimamente, não conseguimos nem executar as mais simples percussões?

Tristemente, Santo Padre, recebeste nossa súplica, ainda antes de se tornar completamente elegia ou até uma marcha fúnebre da justiça e liberdade da educação. Espero que esse vazio na partitura seja apenas uma pausa semibreve e não o fim da nossa tentativa interminável de diálogo para uma realidade melhor. Afinal, a comunicação, por sua vez, é a sinfonia que sustenta os alicerces da democracia, onde cada nota nossa, por mais sutil, deve ressoar e ser acolhida, assegurando que todos desfrutem da harmonia de uma educação justa e equitativa.

Dessa forma, aos nossos administradores, novamente e, na sua ciência, Sumo Pontífice, mais uma vez, suplicamos cantarolando: venha a nós, conhecer o nosso reino, seja feita a nossa e vossa vontade, assim nas salas de aulas como nas salas de reuniões, as necessidades de cada dia para o aprendizado nos daí hoje. Perdoai-nos as nossas repetidas petições assim como nós perdoamos as suas ausências. Não nos deixeis cair em desinformação, mas escutai-nos e livrai-nos deste mal.

Amém.

Gabriela Santos Mendanha

Menção Honrosa: Marcos Antônio da Silva (Professor Aposentado da PUC Goiás)

Caro Papa Francisco,

Trabalhadores na América Latina, conforme conhecimento de Vossa Santidade, têm sido paulatinamente silenciados e submetidos a perdas significativas de sua dignidade e força que se oponha aos poderes estabelecidos para solapar direitos. Salvo os que são devidamente representados por Sindicatos e Associações de classe, os demais seguem à deriva e sujeitados a todo tipo de arbitrariedades, devido ao sistema econômico vigente que promove a reificação do trabalho. Nessa direção, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) tem assumido práticas avessas às questões trabalhistas com notável negação de

diálogos que realmente corrijam distorções nas relações em mais de duas décadas.

Os trabalhadores de ensino vinculados à PUC Goiás têm sido desrespeitados pela ausência de um espaço democrático, que não garante eleições para a renovação da gestão que de modo arbitrário impõe significativas perdas salariais, desrespeito à atuação e nenhuma garantia da manutenção do trabalho. Não bastasse promove o cerceamento da ação dos professores legitimamente eleitos, tanto para o Sindicato da Rede Particular dos Professores do Estado de Goiás quanto para a Associação dos Professores da PUC Goiás, com reiteradas negativas ao diálogo e à livre manifestações nos espaços da Instituição.

Cientes de Vosso compromisso com os direitos dos trabalhadores e os ordenamentos da Santa Igreja Católica, ora bem representada por Vossa Santidade, contamos que os fatos relatados tenham ressonância especialmentepelo restabelecimento do efetivo diálogo entre representantes dos trabalhadoresde ensino e a gestão da PUC Goiás. Auguramos sua benção e atenção aos relatos e que os compreenda como reivindicações que resultem em decorrentes condições de vida plenas de dignidade.

Marcos Antonio da Silva, Professor Aposentado da PUC Goiás que durante quase 40 anos integrou seus quadros.

Menção Honrosa: Maria Fernanda Peixoto (Estudante da PUC Goiás)

A importância do diálogo entre as partes para a promover da educação justa, livre e democrática

Excelentíssimo Papa Francisco, é com toda a minha estimação e respeito que manifesto meu pensamento sobre a importância do diálogo entre as partes para a promoção de uma educação justa, livre e democrática, em uma instituição de Ensino Superior Católica entre os professores, funcionários e estudantes. O diálogo é fundamental para os acadêmicos porque é por meio dele que os alunos aprendem mais sobre si mesmos, os outros e o mundo. Ele propicia o raciocínio, independência, a defesa de seus posicionamentos variados, ao reconhecimento das diferenças e a solução de adversidades das mais simples as mais complexas.

Para proporcionar um ensino justo, livre e democrático, acredito com firmeza na influência que o diálogo tem entre as partes envolvidas. Quando participamos de discussões e debates abertos e respeitosos, somos capazes de compreender melhor as necessidades e visões de todos os incluídos no processo educativo. A prática da comunicação faz com que diversos pensamentos sejam apontados e compartilhados, o

que pode levar a respostas abrangentes e inclusivas a todos. Além disso, ao propiciar uma ambiência de diálogo como debates em sala de aula, reuniões, grupos de estudos interdisciplinares, fóruns online, mesa redonda sobre questões sociais, comitês de diversidade e inclusão estamos plantando capacidades e aptidões primordiais para a cidadania democrática, como o raciocínio crítico, a empatia e a capacidade de resolver conflitos de forma edificadora.

Em última análise, o diálogo entre as partes é fundamental para construir uma sociedade onde todos tenham acesso a uma educação de qualidade e sejam capacitados a contribuir de forma significativa para o bem comum, ele é a pedra angular para a construção de uma educação que seja verdadeiramente equitativa e inclusiva. Por meio dele, podemos explorar diferentes perspectivas e encontrar soluções que levem em consideração as necessidades de todos os envolvidos. Ao cultivar essa prática, estamos não apenas promovendo a justiça educacional, mas também fortalecendo os alicerces de uma sociedade mais democrática e empática.

Com profundo respeito e gratidão

Atenciosamente:

Maria Fernanda Almeida Peixoto
Estudante de Odontologia da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás

Obras de Arte



Artista: Tai Hsuan An

Título da Obra: O Diálogo

Ano: 2024

Técnica: Pintura por meio de procreate, impressão fine art



Artista: Fernando Simon

Título da Obra: Travessia

Ano: 2020

Técnica: Aquarela Sobre Suporte 100% Algodão



Artista: Jesus Cheregati

Título da Obra: Construção

Ano: 2020

Técnica: Marcador Sobre Papel